

representativa, escreveu: “a melhor e única escola para a democracia é a democracia” (p. 186).

**FERNANDO A. NOVAIS**

\*

\* \*

PAYNE (Stanley G.). — **Falange: a History of Spanish Fascism.** Stanford. Califórnia. Stanford University Press. 1961, 316 pp. (Coleção **Stanford Studies in History, Economics, and Political Science**, vol. XXII).

O Autor do presente trabalho, procurando investigar os fundamentos históricos do atual regime espanhol, fixa com muita nitidez a área de sua investigação: trata-se de análise de apenas um aspecto da agitada vida política da Espanha na década de trinta, ou seja o fascismo espanhol. O que se visa, pois, é a contribuição que, para o entendimento da vida política da Espanha contemporânea, pode resultar de uma história objetiva do fascismo hispânico. Pois é claro que a facção fascista é apenas um componente no jôgo político do período e, como a própria obra explicita, não o mais importante. Isto pôsto, e como historiador, o autor se preocupa desde logo em discernir a especificidade do fascismo espanhol em contraposição às variantes que o mesmo movimento apresenta noutros países.

Assim, o trabalho parte de uma apresentação das condições gerais do período (cap. I). Dentro das violentas tensões políticas e sociais do nosso século, depois da primeira guerra mundial, exacerbaram-se as reivindicações trabalhistas e os movimentos socialistas de esquerda num polo, e noutro os nacionalismos conflitantes. Disto resultou abrir-se o caminho para o advento e expansão dos movimentos “nacional-socialistas”, hibridismo contraditório, cuja função, segundo o autor, consistia em, através do contróle estatal “corporativo” das forças econômicas em nome da “nação”, sofrer a vaga da rebelião proletária. Nas suas próprias palavras: “misturar nacionalismo e socialismo, ou usar o primeiro para controlar o segundo” (p. 1). Examina-se em seguida como estas condições gerais se manifestavam na Espanha: o atraso econômico acentuando as tensões, ao mesmo tempo dificultando a tomada de consciência e organização das lutas políticas; por outro lado, desigualdades regionais muito pronunciadas complicavam extraordinariamente o quadro dos grupos e posições, misturando movimentos separatistas (como o da Catalunha) com conflitos de classes. Tudo permeado por um denso passado histórico, onde a Igreja desempenha papel fundamental, marcando incisivamente a consciência ibérica. Daí estreitar-se perigosamente a faixa do “centro” que acredita nas possibilidades e virtudes do regime representativo liberal, atacado pelas numerosas facções da esquerda revolucionária e da direita tradicionalista. O au-

tor se alonga, naturalmente, na caracterização das direitas espanholas: a sua particularidade é que a tônica está no tradicionalismo; os poderosos grupos clericais, monarquistas ou simplesmente direitistas estão voltados mais para o passado que para o futuro, são antes de tudo restauradores. O movimento da Falange Espanhola tentará precisamente, ainda que incorporando a tradição, formular uma perspectiva nova e original, programando reformas ajustadas ao momento histórico e à “alma” hispânica; ou, em outras palavras, a Falange se propunha adaptar à Espanha o nacional-socialismo ou corporativismo que se ia elaborando nos outros países europeus. Assim se distingue tanto das demais direitas espanholas, com as quais conflitou várias vezes e sempre se alinhou com dificuldade, e igualmente dos demais fascismos europeus, em relação aos quais forcejou por manter-se autônoma, — e nisso reside, segundo o autor, a sua peculiaridade.

Nesta perspectiva, o autor retraça a história do movimento que teve em José António Primo de Rivera y Saenz de Heredia o seu grande protagonista, desde as origens até a sua situação atual. Dois capítulos (II e III) dedicam-se à análise dos pródromos, isto é, a atuação de Ramiro Ledesma Ramos e de Onésimo Redondo e a formação de Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista; em seguida a emergência (cap. III) de José António na arena política, e a fundação, em outubro de 1933, da Falange Espanhola das Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista (JONS) (cap. IV). Os três capítulos seguintes (V, VI e VII) analisam a inserção do novo organismo na agitada vida política espanhola e suas lutas internas; a inevitável organização bélica dos grupos de choque face à violência generalizada em que se desenrolava o processo político da república dominada pela direita tradicional (CEDA e Radicais), seus organismos nos meios operários (pouca penetração) e (muita) universitário; a evolução no sentido da chefia única (“jefatura única”, “caudillaje”) afinal assumida em meio a tensões internas por José António, com a expulsão de Ledesma Ramos; enfim a configuração ideológica e organizatória que o “Jefe Único” imprime ao partido. Segue-se (capítulos VIII a XIV) o estudo das eleições de 1936 e a eclosão da guerra civil: José António, prêsso desde o início do conflito sangrento na Espanha Republicana, é executado em fins de 1936, e a Falange perde o seu líder. Dada a ideologia e a organização do partido, sendo básica a liderança pessoal, a Falange, embora participando ativamente da luta armada, cinde-se em lutas internas, e é incapaz de assumir a direção do movimento político na Espanha Nacionalista; assim, acaba sendo acaparada à violência pela ditadura militar dirigida pelo generalíssimo Francisco Franco, forçando-se a fusão com o movimento carlista (Comunión Tradicionalista), de que resulta a Falange Espanhola Tradicionalista de las Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista, “um nome muito desajeitado, refletindo sua composição eclética” (p. 169). Os últimos capítulos (XV, XVI e XVII) explicitam o esforço um tanto inglório da Falange “autêntica” por sobreviver dissolvida na “Nova Espanha” de Franco.

Encarada em conjunto, a obra resulta uma história detalhada da Falange Espanhola, ao longo das vicissitudes e metamorfoses por que vem passando. Desta forma, e preenchendo o desiderato inicial, constitui-se num elemento indispensável para, ao lado de novas contribuições voltadas para a análise dos outros setores da vida política espanhola, se empreender uma visão de conjunto. Outra foi a perspectiva adotada por Hugh Thomas que tentou diretamente um balanço global, no seu belo livro sobre a guerra civil. Ambas nos parecem válidas. Na obra de Stanley Payne, é de salientar-se também o rigor técnico e metodológico com que foi executada, característico aliás dos trabalhos universitários norte-americanos: investigação segura de fontes de vária natureza, incluindo, o que é assaz significativo, entrevistas com alguns dos atores do drama (seríamos tentados a dizer “tragédia”) da Espanha de nossos dias. A preocupação de manter a objetividade em meio a um tema explosivo foi valentemente observada, diríamos que até mesmo em excesso, pois em alguns passos faz declinar o espírito crítico. Assim, a atitude empática com que aborda sempre a figura de J. A. Primo de Rivera, personalidade irrecusavelmente marcante, leva talvez imperceptivelmente o autor a procurar isentá-lo de muitas posições assumidas pelos seus seguidores, ou mesmo a afirmar (p. 77) que, apesar de manter um retrato autografado de Mussolini no seu escritório, José Antônio não tinha nenhum respeito pessoal pelo líder italiano.

Além disso, parece-nos que a preocupação em si mesma louvável de preservar a objetividade, conduziu o autor a manter-se no plano puramente descritivo em longos trechos, introduzindo assim certa desarmonia no conjunto da obra. A delimitação do tema, por outro lado, foi levada a efeito, a nosso ver, com excessivo rigor: tudo o que não dizia respeito diretamente ao objeto de análise foi relegado a um pano de fundo um tanto nebuloso. Por exemplo, o impacto da crise econômica geral, de 1929, sobre a Espanha merecia uma análise atenta em suas relações com a queda da monarquia, e não uma simples menção. Na realidade, afigura-se-nos que este é um problema de ênfase e perspectiva que não foi bem compreendido; era indispensável repensar o conjunto à base do segmento estudado, e isto não foi feito. São estas, entretanto, imperfeições que, a nosso ver, não anulam o valor da contribuição, que procuramos destacar acima.

FERNANDO A. NOVAIS

\*

\*      \*

**Amazônia — Bibliografia.** Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisas, 1963, 832 págs.

A Amazônia tem sido, desde o povoamento inicial do Brasil, um permanente desafio à iniciativa oficial e particular, nacional e estrangeira. Dessa situação nasceu, como era de esperar-se, um especial